



Personalidades autoritárias, preconceito e *bullying*

José Leon Crochick¹,

Marian Ávila de Lima e Dias²,

Horacio Martin Ferber³

Roxana Elizabeth González⁴

¹UI Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. ²Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, São Paulo, Brasil. ³Universidad Nacional de Avellaneda, Avellaneda, Buenos Aires, Argentina. ⁴Universidad Nacional de Avellaneda, Avellaneda, Buenos Aires, Argentina.

RESUMO. A pesquisa, que se baseia no estudo da Personalidade Autoritária, verifica se traços de personalidade como narcisismo, sadomasoquismo e fragilidade do Eu se correlacionam com a manifestação de preconceito, com a prática e com ser vítima do *bullying*. Foram utilizadas escalas do Fascismo, do Narcisismo, da Manifestação de Preconceitos e do *Bullying* em 154 universitários argentinos. Uma vez que tanto violência escolar como traços da personalidade são socialmente determinados, partiu-se da hipótese que as características de personalidade sadomasoquistas se relacionam mais com as associadas ao preconceito, e as características de personalidade narcisista e fragilidade do Eu com o praticante de *bullying*, mais regredido psiquicamente. As hipóteses foram confirmadas: a personalidade sadomasoquista está mais associada com o preconceito e as personalidades psicopata e manipulador, com a autoria do *bullying*, o que indica que são necessárias ações específicas para o enfrentamento de cada uma dessas formas de violência.

Palavras-chave: Personalidade narcisista, Personalidade sadomasoquista, Fragilidade do Eu, Preconceito, *Bullying*, violência escolar.

Authoritarian Personalities, Prejudice and Bullying.

ABSTRACT. The present research, based on the study of Authoritarian Personality, aims to check if personality traits such as narcissism, sadomasochism and fragility of the self are correlated with the manifestation of prejudices, and with the authorship and victim of bullying. Scales that detect fascism, narcissism, the manifestation of prejudice and bullying were used. The scales were applied to 154 Argentinian college students. Understanding that the variables of school violence and personality are determined by society, we've started from the hypothesis that characteristics of sadomasochistic personality are more related to prejudice and the narcissistic personalities and the fragility of the self, are more related to the bully, which tends to be more psychologically regressed. The hypothesis was confirmed: the sadomasochistic personality is more associated with prejudice and the psychopathic and manipulative personalities are related to the bully character, which indicates the need of specific actions to face each of these forms of violence.

Keywords: Narcissistic personality, Sadomasochistic personality, Fragility of the self, Prejudice, Bullying, School Violence.

Personalidades Autoritarias, Prejuicios y Acoso.

RESUMEN. Esta investigación, basada en el estudio de la Personalidad Autoritaria, busca comprobar si los rasgos de personalidad como el narcisismo, sadomasoquismo y fragilidad del yo, se correlacionan con la manifestación de prejuicios, y con la autoría y la víctima del acoso. Fueron utilizadas escalas que detectan el fascismo, el narcisismo, la manifestación de prejuicios, y el acoso. Las escalas fueron aplicadas a 154 universitarios argentinos. Entendiéndose que las variables violencia escolar y personalidad, son determinadas por la sociedad, partimos de la hipótesis de que las características de personalidades sadomasoquistas relacionense más al prejuicio, y a la autoría del acoso, se encuentran asociados aspectos narcisistas y de la fragilidad del yo. La hipótesis fue confirmada: la personalidad sadomasoquista está más asociada al prejuicio y las personalidades psicópata y manipulador con el autor del acoso, lo que apunta a la necesidad de acciones específicas para combatir a esas formas de violencia.

Palabras claves: Personalidad narcisista, Personalidad sadomasoquista, Fragilidade del yo, Prejuicio, Acoso, Violencia Escolar.

Introdução

O objetivo deste texto é verificar se formas de violência escolar entre alunos, tais como o preconceito e o *bullying*, podem ser associadas a constituições psíquicas diversas, entendendo que essas variáveis – violência escolar e personalidade – não podem ser compreendidas sem o auxílio de uma teoria da sociedade, que mostre a determinação desta sociedade sobre aquelas variáveis, uma vez que uma sociedade contraditória com tendências democráticas e antidemocráticas acarreta, nos indivíduos, reações propícias a ambas tendências. Nessa direção, Horkheimer e Adorno (1973, p. 173-174) pontuam:

As grandes leis do movimento social não regem por cima das cabeças dos indivíduos, realizando-se sempre por intermédio dos próprios indivíduos e de suas ações. A investigação sobre o preconceito tende a reconhecer a participação do momento psicológico nesse processo dinâmico em que operam a sociedade e o indivíduo.

O atual regresso ao autoritarismo, em países que por um determinado tempo tentaram fortalecer a democracia, deve ser entendido, sobretudo, como decorrente de uma organização social na qual as determinações econômicas são inseparáveis das decisões políticas, o que traz consequências para a ideologia vigente. Esta, reforçamos, expressa-se nos indivíduos, que também devem ser compreendidos a partir da formação que a sociedade e a cultura lhes permitem. Desse modo, ainda que a primazia social sobre a compreensão dos comportamentos individuais deva ser ressaltada, características psicológicas, mediadas por esta sociedade, não devem ser desprezadas. Devemos salientar também que o fato de o preconceito e o *bullying* serem estudados na escola não é mera casualidade, pois, é nessa instituição que ocorre parte substancial do desenvolvimento individual, ainda que, quer a violência, quer a personalidade, não devam ser redutíveis apenas ao âmbito escolar. Este entendimento se opõe quer a um ‘sociologismo’, que pretende explicar os comportamentos individuais unicamente pela organização social e suas determinações sobre tudo o que existe, quer a um ‘psicologismo’, que procura explicar esses comportamentos, sem a compreensão da determinação social (Adorno, 2015). Essa oposição não significa ignorar o primado da sociedade sobre as explicações dos comportamentos individuais, mas não retira dessas suas possibilidades de expressão diferenciada guiada por desejos psíquicos, tais como a Psicanálise os descreve.

As características psicológicas são expressões de conflitos psicológicos presentes em alguns tipos de personalidade, compreendendo essas como oriundas de conflitos sociais existentes; nas palavras de Adorno (2019, p. 79-80):

A personalidade não deve ser, entretanto, hipostasiada como a determinante última. Longe de ser uma coisa dada desde o começo, que permanece fixa e age sobre o mundo circundante, a personalidade se desenvolve sob o impacto do ambiente social e nunca pode ser isolada da totalidade social dentro da qual existe. [...] As maiores influências sobre o desenvolvimento da personalidade surgem no decurso da formação da criança, como levada a cabo na configuração da vida familiar. O que ocorre aqui é profundamente influenciado por fatores econômicos e sociais [...]. Isso significa que mudanças abrangentes nas condições sociais e nas instituições terão uma influência direta sobre as categorias de personalidade que se desenvolvem dentro de uma sociedade.

Assim, para não recair em defesa de uma tipologia natural de personalidade, própria ao movimento fascista, cabe considerar ‘tipos de personalidade’ como referências de tendências existentes nos indivíduos que são respostas adaptativas individuais a pressões sociais (Adorno, 2019). Esses tipos, quando pensados como expressões de indivíduos concretos, não podem ser entendidos como estereótipos, que se fixariam por toda existência individual, mas tendências de respostas individuais a processos sociais, o que nos impede, como afirmado antes, de pensar as questões psicológicas somente como questões individuais, e, sim, como reações de defesa a ameaças sociais. A personalidade, em nossa sociedade, que é marcada por ameaça constante à existência individual, seria um conjunto de cicatrizes, traços de caráter que expressam conflitos que geraram sofrimento (Adorno, 2015).

Tal entendimento esteve presente no trabalho coletivo desenvolvido na década de 1940 por Adorno (2019) sobre a personalidade autoritária, que tinha como objetivo verificar a propensão da população dos Estados Unidos da América seguirem um regime nazifascista. Como Horkheimer (1950) assinala no prefácio a essa obra, trata-se de um tipo distinto de indivíduo autoritário do existente outrora; é ao mesmo tempo racional e supersticioso; tem a pretensão de ser autônomo, mas se deixa guiar pela adesão cega a discursos irracionais, que apelam à emoção. Vários foram os instrumentos utilizados naquele estudo: entrevistas, testes projetivos, perguntas projetivas, escalas com itens tipo Likert; entre essas escalas, a mais conhecida foi a Escala F, que avalia a propensão de adesão ao fascismo.

Para a elaboração dessa escala F se valeram dos resultados já obtidos no estudo e da Teoria Psicanalítica, dando relevo a obras de Wilhelm Reich, Eric Fromm, Erik Erikson. Essa escala tinha como objetivo ser uma medida

indireta do preconceito e detectar tendências profundas de personalidade, que seriam mediadoras da defesa de ideários autoritários, quando obtidos altos escores, ou democráticos, indicados por baixos escores. Ela obteve altos valores de correlação com outras escalas construídas naquela pesquisa: a do etnocentrismo e do antissemitismo, mas a correlação não foi plena, o que implica, conforme a teoria que lhe deu base, que ela avaliou tendências não somente explícitas, mas também implícitas do preconceito, que foi entendido como manifestação de pessoas autoritárias ou antidemocráticas. Essa relação entre preconceitos explícitos e adesão a questões indiretas, não percebidas como próprias ao preconceito, permite aos indivíduos não se sentirem propensos a esconderem a si próprios o que não consideram comportamentos bem aceitos socialmente.

O constructo teórico subjacente à Escala F é constituído por nove dimensões: convencionalismo, submissão autoritária, agressão autoritária, anti-intracção, superstição e estereotipia, poder e fortaleza, destrutividade e cinismo, projetividade, exagero sexual. Segundo os autores, os três primeiros fatores estariam associados com uma tendência moralista, decorrente de uma má formação da consciência moral (Supereu), e expressaria desejos vinculados ao sadomasoquismo:

Assim, pode-se dizer que a presente variável (agressão autoritária) representa o componente sádico do autoritarismo, assim como a imediatamente anterior (submissão autoritária) representa seu componente masoquista. É de se esperar, portanto, que o convencionalista que não consegue fazer qualquer crítica real à autoridade aceita tenha o desejo de condenar, rejeitar e punir aqueles que violam esses valores (Adorno, 2019, p.142-143).

Essas dimensões implicariam uma fragilidade do Eu, mediada pelo medo de se opor à autoridade mal introjetada. Os três fatores seguintes – anti-intracção, superstição e estereotipia, poder e fortaleza –, de acordo com Adorno (2019), indicariam mais diretamente essa fragilidade do Eu, mas enquanto as anteriores poderiam revelar algum mal estar pela destruição acarretada, essas outras três são mais externas aos indivíduos, mais vinculadas à defesa de hierarquias, pela força que representam, do que a valores morais: “O mesmo padrão de gratificação pode ser obtido ao atuar no papel de ‘lugar-tenente’ ou ao desempenhar uma função em uma posição intermediária em alguma hierarquia claramente estruturada, na qual sempre há alguém acima e alguém abaixo.” (Adorno, 2019, p.153). Nessas três dimensões, a externalização da agressão precisa ser racionalizada, nas anteriores, é resposta a desejos negados que os outros perseguidos representam.

Por fim, as últimas três dimensões – destrutividade e cinismo, projetividade, exagero sexual – têm na projeção seu elemento central. Certamente todos os nove fatores estão relacionados entre si e, em maior ou menor grau, devem expressar moralismo, racionalização e projetividade, mas de formas distintas, conforme a exposição dos autores. Contudo, se a escala F visa verificar tendências profundas de personalidade associadas ao preconceito, presente também nos que defendem ideários fascistas, como a peculiaridade de cada conjunto de dimensões se relaciona com ele? Os três primeiros fatores são claramente vinculados à defesa de valores convencionais e a impulsos sadomasoquistas; os seis últimos são apresentados como próprios a um Eu fragilmente constituído; não que os primeiros não o signifiquem também, mas neles, ao menos, há uma consciência com dificuldades de ser introjetada, enquanto nos últimos, esse conflito parece ser menos nítido. Assim é que no fator ‘destrutividade e cinismo’, o autor expõe: “Outros itens lidam com o desprezo pela humanidade, sendo a nossa teoria a de que aqui a hostilidade é tão generalizada, tão livre de direcionamento contra qualquer objeto particular que o indivíduo não necessita se sentir responsável por ela.” (Adorno, 2019, p. 155).

Essa composição de fatores que expõem o autoritarismo avaliado reflete a nova forma de personalidade autoritária da época, distinta, segundo Horkheimer (2019), da de outrora. Para o período anterior, talvez os três primeiros fatores fossem predominantes, o que corroboraria a mudança de constituição individual dos tempos do capitalismo liberal para o capitalismo de monopólios. Tal mudança foi enunciada por Horkheimer e Adorno (1985), para os quais, em uma economia de mercado como a do capitalismo concorrencial, o indivíduo explicado pela psicanálise, por meio dos conflitos entre eu, id e supereu, podia ter alguma liberdade, apesar do sofrimento gerado por aqueles conflitos; ao passo que o indivíduo propício ao capitalismo dos monopólios pode prescindir deles, pois as decisões são heterodeterminadas por meio das hierarquias e associações profissionais e pela indústria cultural. O eu tende a se tornar mais frágil à medida que não precisa mais se diferenciar para resolver os seus conflitos, pois, a desistência de entrar em conflitos com os outros é dada previamente.

Freud (2011) também indicou a existência de indivíduos mais frágeis, que não constituem uma consciência moral, ou agem frente a autoridade a partir da presença ou ausência dela – se está presente, não pratica o ato delituoso, se está ausente, pode praticá-lo, pois não será punido por isso –, denotando um supereu extrojetado, tal como ocorre com aqueles tipos de personalidade descritos por Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950), porque não conseguiram constituir uma consciência moral.

Assim, a Escala F parece contemplar o autoritarismo de outrora, por meio das três primeiras dimensões – convencionalismo, agressão autoritária e submissão autoritária – e uma nova forma de autoritarismo expresso pela racionalização e projeção pouco diferenciada em relação aos objetos aos quais sua agressão se dá. Como enfatizado antes, todos os autoritários possuíam, em maior ou menor medida, todas as características, mas alguns teriam se diferenciado mais do que outros.

Lima, Januzzi, Moura Jr. e Segundo (2020) consideraram avaliar em nossos dias essa tendência autoritária associada a essas três primeiras dimensões descritas. Aplicaram em uma amostra representativa brasileira de 2087

pessoas, 15 itens dessas dimensões da Escala F, às quais foram acrescentados dois outros itens. Calcularam um índice de autoritarismo a partir das respostas dos participantes que variou de 1 a 10 pontos: quanto maior o escore, maior o apoio aos itens que expressam esse autoritarismo associado ao sadomasoquismo. Obtiveram uma média nacional de 8,10 pontos, um escore de alta adesão aos indicadores autoritários. Conforme os autores, com base nesses dados, os grupos mais marginalizados, em geral, são os que mais defendem posições autoritárias, mas são igualmente os que têm mais medo da violência social, que também foi avaliado. Concluem os autores que a adesão ao autoritarismo se correlaciona com o medo da violência, algo fortemente explorado pelo discurso da extrema direita política em nosso país, expresso por uma ideia de fraqueza e impunidade diante das leis penais por um discurso que identifica os direitos humanos e sociais como “esquerdista” (Lima et al., 2020, p. 55).

De fato, Horkheimer e Adorno (1985) associam o medo da destruição de si mesmo à tendência autoritária do movimento do Esclarecimento de nossa civilização, e acrescentam que já temos condições objetivas para que a dominação sobre a natureza interna aos indivíduos e externa a eles deixe de existir; dominação esta que se expressa por diversos tipos de violência: da mais brutal à mais refinada. Como Freud (2011) pode desenvolver, um dos métodos adotados para a busca da felicidade envolve defesas contra o sofrimento, assim, o medo é a base da autoconservação, e o outro método – a procura de objetos amorosos – tende a ser evitada por ser uma das formas que mais pode causar sofrimento. A personalidade é constituída, segundo Freud (2011), em meio à resolução de conflitos entre desejos e possibilidades de realização ou não, tendo em vista ameaças reais e/ou imaginárias, e quanto mais diferenciada, mais pode se envolver com objetos específicos, uma vez que a separação eu-mundo é maior e os desejos mais bem delimitados.

Teríamos então tendências de personalidade mais vinculadas a objetos específicos – os que representam a negação dos valores convencionais e sobre os quais recairia a violência projetada, tendo os estereótipos como justificativa – e outras tendências que envolveriam agressão a um objeto mais genérico, sem se preocupar com justificativas diretamente associadas aos alvos de seus preconceitos, agridem por seguir impulsos pouco ou nada delimitados, sem sentir a necessidade de justificar essa agressão.

Ackerman e Jahoda (1969), no estudo com descrições de casos clínicos, diferenciam entre os pacientes antissemitas que tinham uma projeção específica de seu ódio dos judeus, delimitando o porquê desse ódio, dos que tinham uma projeção menos definida – não gostavam dos judeus, e não se preocupavam em dizer o motivo. A essa última tendência parecem corresponder os tipos Psicopata e Manipulador, tais como descritos por Adorno (2019). Em relação ao Psicopata:

[...] o supereu parece ter sido completamente deformado pelo resultado do conflito edípico por meio de um retrocesso à fantasia de onipotência da primeira infância. Esses indivíduos são os mais ‘infantis’ de todos: eles falharam completamente em ‘se desenvolver’, não foram de jeito algum moldados pela civilização. São ‘associais’[...]. Sua indulgência com a perseguição é cruamente sádica, dirigida contra qualquer vítima indefesa: é inespecífica e mal matizada pelo ‘preconceito’ (Adorno, 2019, p. 553).

Em relação ao tipo Manipulador é explicitado: “Essa síndrome, potencialmente a mais perigosa, é definida pela estereotipia extrema: noções rígidas tornam-se fins e não meios e o mundo inteiro é dividido em campos administrativos, vazios e esquemáticos” (Adorno, 2019, p. 561).

Interessante apontar que, atualmente, tem sido estudada a tríade maquiavelismo, narcisismo e psicopatia (Moraga, & Rennee, 2015; Veloso Gouveia et al., 2016), com a defesa de que o sadomasoquismo possa compor com eles explicações sobre comportamentos considerados inadaptados e destrutivos. Ora, esses elementos já se apresentavam na Escala F, principalmente a psicopatia e a tendência à manipulação (maquiavelismo), o que indica o interesse atual pelo tema. Também é importante salientar que a Escala F tem sido utilizada em diversos estudos brasileiros (Crochick, 2015, 2019; Lavor Filho et al., 2018; Lima et al., 2020), confirmando seus bons índices psicométricos.

Se tipos de personalidade diferentes têm motivações psíquicas distintas relacionadas à agressão, a sua forma também não seria diferente? Se o sadomasoquismo parece se voltar mais ao preconceito (Crochick, 2019), talvez o psicopata e manipulador estejam mais associados ao fenômeno que hoje nomeamos de *bullying*, já que esse tipo de violência não restringe seus alvos aos do preconceito, atingindo aqueles que não conseguem ter resistência suficiente à agressão, enquanto o preconceito se volta a indivíduos por serem membros de minorias perseguidas. O sadomasoquista poderia dirigir sua agressão a alvos delimitados pelo preconceito, aqueles que, real ou imaginariamente, não seguem as convenções estabelecidas, enquanto os psicopatas e manipuladores não precisariam de tal delimitação, mas somente de um alvo para dirigir sua violência. Dessa forma, teríamos que a uma personalidade menos desenvolvida seria correspondente um alvo de agressão menos delimitado, e a uma mais diferenciada, um alvo mais preciso. Tal relação está de acordo com a análise de Adorno (2015) de que quanto mais a sociedade progride em seu caráter administrativo, burocrático, menos os indivíduos diferenciados são necessários. De todo modo, é importante a relação entre o progresso social, o desenvolvimento da personalidade e suas formas de atuar, mais ou menos regredida, em relação aos outros e às instituições sociais.

Carone (2012), em análise do estudo sobre a personalidade autoritária, estabelece a relação entre personalidade e preconceito:

Além disso, esse estudo [A Personalidade Autoritária] versa sobre o preconceito e não sobre a discriminação, pois o primeiro é atitudinal ou disposicional, e o segundo, comportamental: não há dúvida, no entanto, que o combustível do comportamento discriminatório é o preconceito; uma vez formado, o preconceito faz parte da estrutura psíquica e pode ser 'acionado' pelo comando psicológico do fascismo ou permanecer num estado latente, quando o sujeito vive numa sociedade que censura, condena e pune a discriminação (Carone, 2012, p. 20).

Os autores de *A Personalidade Autoritária* definem personalidade como uma estrutura relativamente estável ao longo da vida, com determinações importantes na primeira infância, e que contém uma dinâmica própria (Adorno, 2019). Já o preconceito é tido por eles como uma expressão dos conflitos existentes em personalidades não democráticas, e, por isso, com dificuldades de serem dispostas a terem experiências. Nas escalas que criaram que visavam mensurar diretamente o preconceito, esse se destinava, sobretudo ao preconceito étnico; na Escala F, aparecem outros grupos: homossexuais, criminosos etc.

O tipo de personalidade narcisista, que também é caracterizado por ter um eu pouco desenvolvido, tem sido destacado nos últimos tempos como sucessor das neuroses obsessivas e histéricas, tais como descritas por Freud (1986). Adorno (2015) a delimita como a ausência de consciência moral e, tal como Lasch (1983), indica a existência de uma cultura que predispõe os indivíduos ao narcisismo. Mas, já Freud (2011) indicou que o narcisismo seria mais propício ao sentimento de onipotência infantil, que traz pouca diferenciação eu-mundo, enquanto que o obsessivo, mais associado aos rituais, sobretudo religiosos, teria um supereu extrojetado, surgido a partir do conteúdo ideacional das grandes religiões que tentaria suprir a necessidade da proteção de um pai onipresente e onipotente, que pressupõe, portanto, alguma distinção entre o eu e o mundo, ainda que não satisfatória, pois, o indivíduo precisaria de ilusões para poder enfrentar seus sofrimentos. Assim, tal como a psicopatia e o maquiavelismo (manipulação), o narcisismo evocaria um caráter mais regredido, e, da mesma forma do que aqueles, estaria associado mais com o *bullying* do que com o preconceito.

Crochick (2019), por meio de estudo empírico com estudantes universitários paulistanos, verificou que o autoritarismo e o narcisismo estão associados com o preconceito, e a autoria do *bullying* está mais relacionada com o narcisismo; o que sofre o *bullying*, por sua vez, não estaria associado com nenhum tipo das características de personalidade avaliadas. Assim, a presença conjunta do narcisismo e do autoritarismo na determinação do preconceito indicaria a convivência desses dois tipos de motivação sem predominância de nenhuma delas, enquanto na prática do *bullying*, se destacaria a presença do narcisismo. Como, nessa pesquisa, não foi feita a distinção entre os dois tipos de autoritarismo avaliados pela escala F, não há como supor como cada um dos dois se relacionaria com o preconceito ou com o *bullying*.

Em síntese, como as dimensões da Escala F, ainda que relacionadas, são distintas entre si e indicam tendências diversas de hostilidade, há de se perguntar se algumas de suas dimensões, sobretudo as de caráter moral, associadas ao sadomasoquismo, não estariam mais relacionadas com o preconceito, e as demais com o *bullying*, por esse requerer um alvo não específico, que, por sua vez, seria talvez expressão de uma maior fragilidade do Eu. Da mesma forma, pode-se perguntar se outra estrutura de personalidade mais regredida do que a sadomasoquista, como a narcisista, não seria mais associada com o *bullying* do que com o preconceito. Já, em relação ao alvo do *bullying*, como é um objeto não diferenciado para a necessidade de agressão do autor desse tipo de violência, pressupõe-se que não se associe com nenhum tipo de personalidade em específico.

Assim, o objetivo deste estudo é verificar se características de personalidade que indicam o narcisismo, o sadomasoquismo ou a fragilidade do Eu (psicopatia e manipulação) se correlacionam com a manifestação de preconceitos, com a autoria do *bullying* e com ser alvo do *bullying*.

Método

Participantes

Participaram do estudo 154 estudantes: 70 do curso de Atividade Física e Desportes e 84 do curso de Enfermagem de uma universidade pública da Argentina, sendo 67 do sexo feminino e 87 do sexo masculino. A idade média é de 22,78 anos; com desvio padrão de 4,7 anos; mais de metade deles (54%) estava no primeiro semestre; quase um quarto no segundo semestre. Considerando ser uma universidade popular, o nível socioeconômico não é elevado.

Instrumentos

Foram utilizadas cinco escalas com itens do tipo Likert, com seis pontos: Escala de Fascismo (Escala F) – dividida em Escala Sadomasoquismo (FSM) e Escala de Fragilidade do Eu (FFE) –, Escala de Características Narcisistas de Personalidade (Escala N), Escala de Manifestação de Preconceito (Escala P); Escala de Prática de Bullying (Escala B); Escala de Caracterização de Alvo do *Bullying* (Escala A). A prova *t* de Student para amostras independentes indicou não haver diferenças significantes, com nível de significância de 0,05, entre os estudantes dos dois cursos para nenhuma dessas escalas.

Conforme indicamos na introdução deste texto, a escala de Fascismo foi elaborada por Adorno et al. (1950), em seu estudo sobre a personalidade autoritária. Os autores indicam que algumas das dimensões dessa escala –

convencionalismo, agressão autoritária e submissão autoritária – avaliam tendências sadomasoquistas de personalidade, mais próximos de uma defesa da moralidade mal introjetada; esses fatores foram reunidos constituindo a escala de Sadomasoquismo, com 16 itens, obtendo o Alfa de Cronbach de 0,75; os outros itens avaliam, ainda segundo os autores, a fragilidade de constituição do Eu, não associados necessariamente com a defesa da moralidade; esses itens foram reunidos em outra escala nomeada de Fragilidade do Eu; nesta amostra, obteve um Alfa de Cronbach de 0,58, com 12 itens. Utilizamos as Formas 45 e 40 (Adorno et al., 1950), excetuando-se três de seus itens, por não parecerem adequados para nossa época; alguns itens compõem mais de um fator, e, assim, podem estar nas duas escalas; porém, quando foi o caso, optamos para que constituíssem somente a primeira escala, para que o contraste entre ‘moralista’ e ‘não moralista’ ficasse mais nítido.

As demais escalas têm a mesma estrutura da Escala F e foram elaboradas por nós para outros estudos de Crochick (2000, 2015) e Crochick (2019). Todas elas tiveram itens formulados com base em textos de autores da Teoria Crítica da Sociedade, como Adorno (2019) e Marcuse (1981); da Psicanálise, como Freud (2011); da Sociologia, como Lasch (1983). A Escala de manifestação de Preconceitos (Escala P) teve um Alfa de 0,77, com 14 itens; a Escala N obteve um Alfa de 0,69, com nove itens; a Escala B, com oito itens, teve um Alfa de 0,70; e a Escala A, com três afirmações, obteve um Alfa de 0,80.

Procedimento

As escalas foram aplicadas coletivamente nos seguintes cursos: ‘Licenciatura em Atividade Física e Esportes’, e ‘Licenciatura em Enfermagem’, pertencentes ao Departamento de Saúde e Atividade Física da Universidade Nacional de Avellaneda, situada na Província de Buenos Aires, Argentina. Os dois cursos têm a duração de quatro anos. Professores das seguintes disciplinas auxiliaram na coleta dos dados, distribuindo o instrumento para seus alunos: Princípios de Treinamento, Psicologia da Atividade Física e Esporte, Desempenho Esportivo, Ética Profissional, Avaliação da Condição Física, Assistência Centrada na Comunidade, Condições de Trabalho e Meio Ambiente e Fundamentos de cuidado. Os sujeitos mencionados fazem parte dos três primeiros anos do plano de estudos, no curso presencial. O tempo médio de aplicação foi de 25 minutos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com Parecer número: 1.218.644.

Análise de Dados

Foram utilizadas Provas Não-Paramétricas e Correlações de Spearman para se testar as hipóteses, uma vez que não se quis supor que as variáveis se distribuem normalmente na população. Os dados foram calculados pelo Programa SPSS, versão 22.

Análise e Discussão dos Resultados

As médias e desvios padrões apresentados nas diversas escalas com itens do tipo Likert estão na Tabela 1.

Tabela 1: Média e desvio padrão obtidos nas escalas utilizadas

Escalas	Média	Desvio padrão
Preconceito	2,02	0,73
Narcisismo	3,46	0,88
prática de <i>bullying</i>	2,25	0,90
alvo de <i>bullying</i>	2,54	1,56
Sadosasoquismo	3,27	0,75
eu frágil	3,33	0,77

Fonte: autores do artigo

Ressaltando que as escalas variam de um a seis pontos, com ponto médio de 3,5, e que quanto maior o escore, mais o participante se destaca nas variáveis analisadas, podemos observar pelos dados da Tabela 1, que os participantes deste estudo têm escores médios nas escalas que avaliam características de personalidade – sadomasoquismo, Fragilidade do Eu e Narcisismo – próximo ao ponto neutro das escalas, e que têm pouco preconceito em relação aos alvos avaliados, pouca prática de *bullying* e consideram pouco terem sido alvo de *bullying* em sua vida escolar. Esses escores indicam que os sujeitos desta pesquisa são menos autoritários que os avaliados por Lima et al. (2020), mesmo considerando os estudantes universitários daquele estudo que obtiveram escores médios acima do ponto médio (7,4 em uma escala de 1 a 10), o que não ocorreu com os participantes desta pesquisa, que obtiveram escores próximos aos obtidos com a escala F em estudo com universitários paulistanos (Crochick, 2019).

O escore mais elevado, ainda que dentro do ponto médio, foi o do narcisismo. Vega (2016) ressalta que o narcisismo se caracteriza pela impossibilidade de amar o outro e persegue com fins destrutivos todos os objetos que constituem para ele uma fonte de sensações desagradáveis, mencionando, entre outras, as seguintes

características: a posição do ideal e outra que sempre representa a do anti-ideal, o “narcisismo das pequenas diferenças” de Freud (2011); a necessidade de alguém que aplaude a confirmação da grandeza de fora e a necessidade de um objeto em uma posição de testemunha que corresponda à instância crítica especializada que confirma, como antes por seus pais, um modelo infantil.

Na tabela 2, encontram-se as correlações entre as diversas escalas com itens do tipo Likert.

Tabela 2: Correlações entre as escalas de tipos de personalidade e as escalas tipos de agressão

	Preconceito	Prática de <i>bullying</i>	Alvo de <i>bullying</i>
Narcisismo	0,49**	0,39**	0,16*
Sadomasoquismo	0,49**	0,39**	0,10
eu frágil	0,46**	0,50**	0,16*

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$ Fonte: autores do artigo

Conforme os dados da tabela 2, com exceção da Escala que se refere a ser alvo do bullying, todas as demais estão correlacionadas entre si com o nível de significância de 0,01. A prática do bullying se correlaciona com os três tipos de personalidade, principalmente com o avaliado com um eu frágil. O preconceito apresentou correlações de magnitudes próximas com os três tipos de personalidade. De fato, não houve diferenças entre as correlações do sadomasoquismo e narcisismo com o preconceito, que tiveram a mesma magnitude de 0,49 e a correlação do Eu Frágil com o preconceito, que obteve o valor de 0,46 ($t = 0,51$; 151 g. lib, $p > 0,05$)¹, mas houve diferença significativa entre as correlações entre sadomasoquismo e narcisismo, ambas de 0,39, e a correlação entre Eu frágil com o bullying, com o valor de 0,50 ($t = 1,82$; 151 g.lib; $p < 0,05$); sendo a segunda correlação maior do que a primeira, indicando que o Eu frágil se associa mais com bullying do que com o sadomasoquismo.

A literatura considera o autor do bullying como alguém que deseja se sobressair entre seus pares por meio da violência, para compensar sua insegurança latente (Nascimento & Menezes, 2013; Camodeca, Baiocco, & Posa, 2019). O agressor é tido também como não tendo compaixão pelo seu alvo e nem remorsos por suas ações hostis; aproximando-se do que foi descrito antes como psicopata (Ang, Ong, Lim, & Lim, 2010); não tem um alvo necessariamente delimitado. Já o preconceituoso tende a projetar seletivamente sobre alvos bem demarcados e, geralmente, pertencentes a minorias: judeus, negros, LGBTQIA+, pessoas com deficiência (Crochick, 2019), mas como quem tem preconceito contra um alvo tende a ter também em relação a diversos outros, tal como no praticante do bullying, o que gera a violência são as necessidades de seus autores e nunca suas vítimas (Adorno, 2019; Adorno, 1995).

Os dados da tabela 2 indicam que o alvo do *bullying* está correlacionado com o conceito do fascismo associado à fragilidade do Eu e com o narcisismo, o que parece concordar com a literatura (Ang et al., 2010; Nascimento & Menezes, 2013; Zequinão et al., 2016). Se conforme Horkheimer e Adorno (1985), a vítima do preconceito não tem nenhuma responsabilidade sobre a violência que recai sobre si, pois, a projeção do agressor é um de seus mecanismos básicos, no caso do bullying, o seu alvo é considerado, em geral, como introvertido e tímido (Andrade & D’Souza Li, 2020) e não pode ser caracterizado como sadomasoquista. Mas, dada a baixa magnitude dessa correlação ($r = 0,16$), significativa a 0,05, corrobora também o estudo de Crochick (2019), que não encontrou relação entre ser alvo do *bullying* e tipos de personalidade.

A partir dos dados da Tabela 2, também é importante notar, que parte significativa dos que praticam o bullying também são seus alvos, o que comprova achados de outros estudos (Fante, 2005; Olweus, 2013).

Com o intuito de prosseguir a análise das correlações, foram realizadas análises de regressão, tendo como variáveis independentes o narcisismo, o sadomasoquismo e a fragilidade do Eu, e como variável dependente o preconceito, o bullying e ser alvo do *bullying*.

Quando o preconceito foi a variável dependente, obtivemos um $R = 0,59$, com as variáveis narcisismo ($p = 0,00$) e sadomasoquismo ($p = 0,01$) sendo significativamente seus determinantes, o mesmo não ocorrendo com a variável relacionada à fragilidade do Eu ($p = 0,13$). Assim, as questões associadas ao sadomasoquismo, ao moralismo, e ao narcisismo são relacionadas com a manifestação do preconceito, mas a fragilidade do Eu, não.

Em relação à autoria do bullying, obtivemos um $R = 0,52$; as variáveis narcisismo ($p = 0,01$) e fragilidade do Eu ($p = 0,00$) foram significativamente determinantes, o sadomasoquismo ($p = 0,35$), não. Conforme previsto, a fragilidade do Eu e o narcisismo se associam mais com o *bullying* do que o sadomasoquismo.

Em nível mundial, há pesquisas que apontam para a relação entre narcisismo e *bullying*. No estudo longitudinal de Reijntes et al. (2016), que acompanhou estudantes holandeses aplicando questionários aos alunos dos três últimos anos do ensino fundamental de 12 escolas do país, o narcisismo foi identificado como um traço presente em meninos praticantes de bullying, mas não tão presente nas meninas; a “dominância social” também foi um fator identificado apenas nos praticantes de bullying direto. Pelas variáveis que os autores delimitaram no estudo,

¹ Para comparar correlações, utilizamos a fórmula encontrada em Guilford e Crutchter (1973, p. 166).

podemos compreender que estes também percebem a prática do bullying como associada tanto a fatores de personalidade como a relações e papéis desempenhados no grupo social.

Também a pesquisa de Eksi (2012), com estudantes turcos de ensino médio, ao buscar relacionar a personalidade narcísica com tendências a comportamentos de adição à internet e, em especial o *cyberbullying*, identificou que o narcisismo tem um efeito indireto nesta forma de assédio, uma vez que as variáveis "sentir-se no direito" e "superioridade", presentes no narcisismo tiveram uma correlação fraca, porém significativa com o *cyberbullying*.

Em outra pesquisa, Ang et al. (2010) evidenciaram que embora haja uma forte relação entre a exploração narcísica e o *bullying*, nem sempre isso está acompanhado de uma crença de que essa violência é justificada ou legítima. Concluem que indivíduos com tendência à exploração narcísica não teriam empatia em relação à vítima, uma vez que sentem que têm o direito ao que quiserem e que suas expectativas sejam atendidas, independentemente dos sentimentos dos outros, o que, nos termos de nossa investigação, está ligado a aspectos associados à psicopatia e à manipulação dos outros, como se fossem coisas.

Quanto ao alvo do *bullying*, nenhuma das variáveis se associou de forma significativa: narcisismo ($p = 0,56$); sadomasoquismo ($p = 0,66$); e fragilidade do Eu ($p = 0,45$); obtivemos um $R = 0,100$.

Considerações finais

Com os dados desta pesquisa, pode-se concluir que o alvo do *bullying* quase não tem relação significativa com nenhuma das características de personalidade avaliadas, apesar de ter havido correlações de baixas magnitudes entre as duas variáveis, isto é, não se destaca por ser narcisista, sadomasoquista ou por ter um eu frágil, o que difere dos estudos de Olweus (2013) e de Reijntjes et al. (2016); este resultado indica que essa forma de violência se relaciona com o autor da violência e não com quem a sofre, o mesmo ocorrendo com o preconceito, pois a vítima não deve ser responsabilizada pelo que o preconceituoso projeta sobre si, fortalecendo o argumento de Adorno (1995) que os motivos da violência devem ser procurados no autor da agressão, nunca em sua vítima.

O preconceituoso tende a ser sadomasoquista, ter certa fragilidade do Eu e ser narcisista, conforme foi avaliado; e o autor do bullying caracteriza-se por ser narcisista e ter uma fragilidade de Eu, mas a não ser sadomasoquista, o que se alinha com os estudos de Ang et al. (2010) e Eksi (2012). Esses dados corroboram os encontrados pelo autor (2019); nesse estudo, narcisismo e autoritarismo estão associados ao preconceito, mas só o narcisismo se relacionou com a prática do bullying; a distinção entre esses resultados é que neste estudo, parte da Escala F – Fragilidade do Eu – se associou com a autoria do bullying, outra parte, não; como no estudo anterior, não houve a divisão da Escala F em duas partes, pode-se supor, que ela avalia simultaneamente duas formas de autoritarismo, uma delas mais associada ao preconceito – a vinculada ao sadomasoquismo, e outra ao bullying – a relacionada à psicopatia e à manipulação.

Se o autoritarismo contemporâneo assume essas diversas formas de expressão individual, caberia pensar formas não somente de combater a agressão contra aqueles que, real ou supostamente, infringem convenções morais, mas também contra os que têm na destruição de pessoas e instituições, sobretudo democráticas, seu maior prazer, independentemente de questões morais.

Alguns dos limites deste estudo devem ser indicados. A amostra de estudantes não foi representativa da população; em outro estudo, seria importante que o fosse. Algumas das escalas utilizadas não tiveram um bom Alfa de Cronbach, que com seu aperfeiçoamento poderão alcançar.

Se, conforme expusemos no início deste texto, a personalidade se constitui como expressão de defesas psíquicas diante de perigos reais ou imaginários gerados pela pressão social de uma tendência social autoritária, caberia fortalecer a tendência oposta – a democrática – para que, diminuindo as pressões para seguir ditames irracionais, com base na força, sempre de plantão, ninguém mais se sinta ameaçado e tenha de se desenvolver de forma defensiva. Se o fascismo é devido, principalmente, a questões econômicas e políticas, a conscientização dos fatores aqui analisados e das respostas inadequadas que individualmente damos a esse sistema autoritário, pode ser uma resistência importante, ainda que mudanças sociais e culturais sejam fundamentais para que essas respostas não sejam mais necessárias. Mesmo com esse limite, seguimos Horkheimer e Adorno (1973), ao defenderem que algum esclarecimento é melhor do que nenhum.

Referências

Ackerman, N.W. & Jahoda, M. (1969). *Distúrbios emocionais e anti-semitismo*. Perspectiva.

Adorno, T. W. (1995). Educação após Auschwitz. In T. W. Adorno. *Educação e emancipação* (W. L. Maar, Trad.; pp. 119-138). Paz e Terra.

Adorno, T. W. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Editora Unesp. (Obra original publicada em 1950).

- Adorno, T. W. (2015). Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In T. W. Adorno. *Ensaio sobre psicologia geral e psicanálise* (pp.71-135). Editora Unesp.
- Adorno, T.W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D.J., & Sanford, R.N. (1950). *The Authoritarian Personality*. Harper and Row.
- Andrade, E. P., & D'Souza Li, L. (2020). As consequências do bullying: autoagressão e suicídio no cotidiano escolar. *Revista Educação*, 15(1), 15-22. <http://dx.doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1-4003>
- Ang, R. P., Ong, E. Y. L., Lim, J. C.Y., & Lim, E.W. (2010). From Narcissistic Exploitativeness to Bullying Behavior: *The Mediating Role of Approval of aggression Beliefs*. *Social Development*, 19, 721-735. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2009.00557.x>
- Camodeca, M., Baiocco, R., & Posa, O. (2019). Homophobic bullying and victimization among adolescents: The role of prejudice, moral disengagement, and sexual orientation. *European Journal of Developmental Psychology*. 16(5), 503-521, <https://doi.org/10.1080/17405629.2018.1466699>
- Carone, I. (2012). A Personalidade Autoritária. Estudos frankfurtianos sobre o fascismo. *Revista Sociologia em Rede*. 2(2), 14-21. <https://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2carone2/9>
- Crochick, J. L. (2019) Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. *Psicologia-Universidade de SP-USP* (Impresso), 30(1). <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190006>
- Crochík, J. L. (2000). Tecnologia e individualismo: um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade. *Análise Psicológica*, 4(XVIII), 529-543. <https://doi.org/10.14417/ap.397>
- Crochík, J. L. (2015). Formas de violência escolar: preconceito e bullying. *Movimento - Revista de Educação*, 3, 29-56. <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32559>
- Eksi, F. (2012). Examination of Narcissistic Personality Traits' Predicting Level of Internet Addiction and Cyber Bullying through Path Analysis. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 12(3), 1694-1706 <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1000892.pdf>
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz*. Verus.
- Freud, S. (1996). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (J. Salomão, Trad.). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 375-397). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2011). *Mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Cia. das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Guilford, J.P., & Crutcher, B. (1973). *Fundamental statistics in psychology and education*. New York: McGraw-Hill.
- Horkheimer, M. (1950). Preface. In T. W. Adorno, E. Frenkel-Brunswik, D. J. Levinson, & R. N. Sanford. *The Authoritarian Personality*. New York, NY: Harper and Row.
- Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1973). *Temas básicos da sociologia* (Á. Cabral, Trad.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1956).
- Horkheimer, M. & Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos* (G. de Almeida, Trad.). Zahar.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em Declínio*. Imago.
- Lavor Filho, T. L., Barbosa, V. N. M., Almeida Segundo, D. S., Moura Jr, J. F., Jannuzzi, P. M., & Lima, R. S. (2018). Análises Interseccionais a Partir da Raça e da Classe. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 223-237. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000212376>

- Lima, R. S. de; Jannuzzi, P. M., Moura Junior, J. F., & Segundo, D. S. de A. (2020). Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017. *Opinião Pública*, 26(1), 34-65. <https://doi.org/10.1590/1807-0191202026134>
- Marcuse, H. (1981). *Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud* (A. Cabral, Trad.). Zahar. (Original publicado em 1955).
- Moraga, G. & Renee, F. (2015). La tríada oscura de la personalidad maquiavelismo, narcisismo y psicopatía. *Criminalidad*, 57(2), 253-265.
- Nascimento, A. M. T., & Menezes, J. A. (2013). Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia Social*, 25(1), 142-151. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/16.pdf>.
- Olweus, D. (2013). School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751-780. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
- Reijntjes, A. et al. (2016). Narcissism, Bullying, and Social Dominance in Youth: A Longitudinal Analysis. *Journal Abnormal Child Psychology*, 44, 63-74. <http://dx.doi.org/10.1007/s10802-015-9974-1>
- Vega, M. (2016). Neurosis narcisísticas, vigencia conceptual e intervenciones clínicas. Ciclo Científico: Neurosis narcisistas. Vigencia conceptual e intervenciones clínicas. *Psicoanálisis Ayer y Hoy - Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduado*, 13. <https://www.elpsicoanalisis.org.ar/nota/neurosis-narcisisticas-vigencia-conceptual-e-intervenciones-clinicas-martha-vega/>
- Veloso Gouveia, V., Pereira Monteiro, R., Veloso Gouveia, R. S.; Alves Aguiar Athayde, R., & Medeiros Cavalcanti, T. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, 50(3), 420-432. <https://www.redalyc.org/pdf/284/28450492010.pdf>
- Zequinão, M. A., Medeiros, P. de, Pereira, B., & Cardoso, F. L. (2016). Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, 42(1), 181-198. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>

Informações sobre os autores

José Leon Crochick: Psicólogo, mestre em Psicologia Social, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Livre-docente, Professor Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1C.

jlchna@usp.br

<http://lattes.cnpq.br/5516424346600815>

<https://orcid.org/0000-0002-2767-3091>

Marian Ávila de Lima e Dias: Psicóloga e mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo – USP, pós-doutorado na Universidad Nacional Tres de Febrero, Buenos Aires, Argentina. Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.

marian.dias@unifesp.br

<http://lattes.cnpq.br/9676199805492735>

<https://orcid.org/0000-0003-2343-842X>

Horacio Martin Ferber: Licenciado em Psicologia pela Universidad del Museo Social Argentino, doutor em Psicologia Social pela Universidad Argentina John F Kennedy, pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo – USP, Professor Titular da Universidad Nacional de Avellaneda – UNDAV, Avellaneda, Argentina.

horacio.ferber@posgrado.economicas.uba.ar

<https://orcid.org/0000-0003-3382-2062>

Roxana Elizabeth González: profesora del Departamento de Salud y Actividad Física de la Universidad Nacional de Avellaneda – UNDAV, Avellaneda, Argentina.

rgonzalez@undav.edu.ar

<https://orcid.org/0000-0002-4208-4906>

NOTA:

Todos os autores foram responsáveis pela concepção, redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito, bem como pela aprovação da versão final a ser publicada. O professor José Leon Crochick foi responsável, também, pelos cálculos e análises dos resultados; a professora Marian Ávila de Lima e Dias foi responsável pela revisão de literatura; os professores Horacio Martin Ferber e Roxana Elizabeth González realizaram a coleta de dados empíricos.

Submissão: 15 dez. 2025

Aceito: 30 dez. 2025